

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 216 p.

Rafael Souza Barbosa¹

P

ublicado em 2012 pela WMF Martins Fontes, *Com Roland Barthes* reúne a maior parte do que foi escrito e proferido por Leyla Perrone-Moisés acerca de Barthes em conjunto com cartas trocadas entre eles ao longo de mais de uma década. A autora, professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, organiza a coleção *Roland Barthes* daquela editora e tem exercido um papel chave na difusão de obras do escritor francês no Brasil. O livro, dividido cronologicamente em três capítulos, conjuga textos críticos originalmente apresentados em periódicos, eventos acadêmicos e cursos de pós-graduação com cartas, fac-símile e transcrição, o que atesta a convivência afetiva e intelectual dos dois.

O primeiro capítulo, intitulado *Descoberta e encontro*, recobre os anos entre 1968 a 1974, nos quais Leyla publicou os primeiros textos sobre Barthes e passou a frequentar os seus seminários em

¹ Graduando em letras na UFRGS e bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: rafaelsouzabarbosa@gmail.com

Paris. Chamou-me profundamente a atenção a efervescência crítica do cenário intelectual francês nos quatro artigos presentes no capítulo, dos quais três foram publicados no *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo* e um em *La Quinzaine Littéraire*. Acompanhando o desenrolar da crítica e da nova crítica na França, Leyla aponta, com o necessário (demasiado) rigor crítico, distorções e acusações difamatórias de que foram alvo as propostas teóricas e atividades investigativas de Barthes. A autora procura tornar evidentes as contradições dos discursos críticos dos responsáveis por essas distorções e acusações, já que tais polêmicas em torno dele decorriam de divergências de objetivos, e não de princípios, e só se sustentavam na sobreposição amesquinhadora dos primeiros em relação aos segundos. É curioso notar a contemporaneidade dos debates promovidos por esses primeiros artigos, pois não só materializam, mas principalmente presentificam algo já fixado como um capítulo da história do estruturalismo. Eles compõem uma intrincada trama de fixação e de valoração de acontecimentos que nos permite atribuir hoje, em linhas gerais, um papel a Roland Barthes no percurso dos estudos literários na França e alhures. Mais do que isso, eles permitem perceber como escolhas e posicionamentos são selecionados e processados, tendo em vista suas implicações teóricas, metodológicas, políticas, éticas, isto é, como práticas intelectuais se efetivam. Nessa medida, essas primeiras leituras já sugerem uma inesgotabilidade do legado barthesiano, à revelia da uma *pensividade* interrogada como *pensamento*, de uma *voz* interpelada como a de um *sujeito* e de um *escritor* lido como *escrevente*.

No final do capítulo de abertura da obra, encontram-se doze cartas de Barthes enviadas a Leyla. O primeiro encontro entre ambos, após terem sido apresentados em um seminário em dezembro de 1968, é o assunto da primeira carta. Permeiam essas cartas comentários de Barthes sobre trabalhos da autora e suas tentativas de vinda ao Brasil, sempre frustradas. Seus pedidos de desculpas, cada vez mais ternos, revelam um tom de crescente familiaridade entre eles, princípio da *fidelidade*, posteriormente evocada. A amizade de ambos, na acepção blanchotiana da palavra, cresce conforme compartilham trabalhos e nutrem afeto um pelo outro. Leyla recebe a seguinte resposta de Barthes, após ter-lhe enviado um artigo sobre *O Vermelho e o Negro*:

Acho isso **muito bom**, de uma clareza, de uma solidez **sedutora**. Você o enviou a Todorov? Ele ficaria contente.

Guardo preciosamente o texto, de uma **preciosa** utilidade no trabalho de análise.
RB [1973].

As longas despedidas, presentes nas cartas que a precedem, são signos de polidez convencional e mostram distanciamento do universo francês. Há inúmeras possibilidades oferecidas pelo idioma para se intensificar qualificações, mas, em geral, elas denotam mera formalidade em discursos gratuitamente hiperbólicos. Barthes rejeita todas essas formas protocoladas (e, consequentemente, rejeita a mera formalidade), adotando um conciso RB e exprimindo seu apreço genuíno pelo texto com sublinhados. A seleção vocabular de *sedutora* [séduisante] e *ele ficaria contente* [cela lui ferait plaisir] revelam um cuidado pessoal do autor em utilizar expressões que, para ele, possuem sentidos profundos, manifestos em seus trabalhos críticos. Isso indica, em diversos níveis, o quanto ele *gosta* de Leyla e aprecia seu trabalho.

Nessas cartas, consta também um pedido de ajuda da autora, que Barthes prontamente procurou atender. O irmão de Leyla, exilado no Chile durante a ditadura militar, queria realizar estudos doutorais na França, já que onde estava não havia pós-graduação. O escritor se coloca à disposição e diz para que ele lhe escreva, falando do que precisa. Além disso, fornece o endereço de Edgar Morin, pois, sendo também sociólogo, poderia ajudá-lo mais significativamente. Graças a essa mão amiga, o irmão de Leyla deixou o Chile e estava na Europa quando Pinochet tomou o poder.

O segundo capítulo, intitulado *Passando o anel*, recobre os anos entre 1975 a 1979, nos quais Leyla passou a traduzir obras de Barthes, ministrou cursos de pós-graduação sobre seus *ensinamentos* e frequentou os últimos seminários do autor. Fazem parte dele cinco artigos, dos quais dois publicados originalmente no *Suplemento Literário*, um texto de apresentação para uma peça baseada em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* (1977), uma síntese de um curso dado pela autora e um outro, ainda inédito. É instigante a leitura dos dois primeiros, pois abordam as especificidades e os deslocamentos de noções presentes em obras de Barthes. Ela reflete sobre as suas possibilidades de tradução, bem como sobre as suas manifestações ao longo das obras do autor. Preocupada com as possibilidades de transferência transatlântica do legado barthesiano, discute as implicações da adoção de certos termos em português, já que alguns deles não incorporariam o campo conceitual em que o autor se desloca. É o caso, por exemplo, da tradução de *plaisir-jouissance* como *prazer-fruição*, que não estabelece a devida oposição entre *tirar proveito de algo* e *realizar um desejo de pura perda*. A autora também aborda as particularidades das ocorrências da noção de escritura de *O Grau Zero da Escrita* (1953) até *A Câmara Clara* (1980), uma vez que atravessa todas as fases da *pensividade* de Barthes. Já em *A Cozinha do Sentido*, texto até então inédito, Leyla discorre sobre a presença do tema alimentar nas reflexões do autor, que perpassa suas análises em *Mitologias* (1957) e *O Império dos Signos* (1970). A aliança entre culinária e linguagem em suas obras abarca uma função teórica e um efeito escritural que se manifestam, respectivamente, enquanto metáfora e efeito sensível no texto. Entre a aparição suntuosa de uma materialidade e o desvio brusco imposto ao discurso intelectual, Barthes institui um *saber com sabor*.

No final do segundo capítulo, encontram-se as últimas cartas trocadas entre eles, período imediatamente anterior ao falecimento do escritor. Por intermédio delas, Barthes dá notícias de cunho pessoal a Leyla e se posiciona em relação aos projetos da autora de traduzi-lo no Brasil. Ela havia traduzido *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975/1977) e preparava uma versão em português da aula inaugural no Collège de France (1978). Para a publicação, ela teve de elaborar um posfácio, que remetera ao autor. Nas palavras de Barthes: “o que posso dizer de tudo o que você me escreveu, é que é *precisamente* isso que se deve dizer da Aula”. Na última carta presente no volume, ele diz a Leyla “Continue, vai ser ótimo. Obrigado por tanta inteligência e benevolência”, de alguma maneira testamento e profecia de seus trabalhos posteriores.

O terceiro capítulo, intitulado *Depois de Barthes*, recobre o período de 1980 ao presente, após o falecimento do autor. Introduzido a com *Relembrando Barthes, Sem Autópsias Acadêmicas*, publicado originalmente no *Jornal da Tarde*, há aí uma recusa de se fazer um necrológico à maneira espetacular do gênero. Leyla retoma aspectos da sua relação afetiva e textual com o autor, traçando um itinerário permeado de memórias pessoais, posicionamentos críticos e anseios múltiplos. Ela

avalia que *sem Barthes, o mundo ficou um pouco menos inteligente e um pouco menos amável*. Sequencialmente, há dois artigos que, mutuamente imbricados, datam no início dos anos 2000, período de retomada internacional do escritor francês. O primeiro é um relato, publicado no suplemento *Mais!*, da *Folha de S.Paulo*, de um colóquio de *stars*, realizado na Universidade de Yale. Leyla comenta pontualmente os trabalhos de cada participante, manifestando sua atenta escuta. O segundo é o trabalho que ela havia então apresentado, *Aula: Testamento e Profecia*, profundamente instigante. A autora interroga se, considerando as quatro fases atravessadas pelo autor, ele estaria passando a uma quinta com *Aula* e, se sim, quais seriam as propostas dessa última fase. Ela pontua o interesse profético e renovado do autor pela literatura, tendo em vista o seu caráter irredutível, *teimoso*. Se ele anteriormente a abjurara em nome da textualidade da escritura, ele passava a valorizá-la por aquilo que, nela, resiste e sobrevive aos discursos tipificados, um trabalho de linguagem que não se limita a conteúdos. Há outros dois artigos, também originalmente apresentados em eventos acadêmicos, que tratam das relações do autor com Derrida e a questão do declínio da literatura em Sartre, Barthes e Blanchot. Leyla aborda os débitos e o debate travado entre o escritor e o teórico da desconstrução, por vias diretas e indiretas, e discute a noção do fim da literatura, como concebida na modernidade, na segunda metade do século XX. Ela também inclui apresentações à coleção *Roland Barthes*, que dirige, e três entrevistas dadas a respeito do escritor e da sua obra.

Ao cabo do volume, fiquei com a sensação de que preciso ler mais (e ler muito) Roland Barthes. Algumas apropriações espetaculares de obras do autor, que me distanciavam dos seus livros, foram obscurecidas pelo rigor e acuidade dos textos contidos nessa obra. A fascinação que a *pensividade* barthesiana provoca na autora não torna o seu discurso crítico meramente complacente ou panfletário, muito pelo contrário. Transparece, ao longo de todo o livro, um interesse particular que se manifesta em uma leitura cuidadosa e compreensiva, diria justa, das potencialidades do legado do escritor. Em *Com Roland Barthes*, Leyla Perrone-Moisés indica percursos de leitura e possibilidades epistêmicas de se encarar a contemporaneidade a partir das perspectivas de Barthes, sempre subversivas. Em última análise, ela fornece elementos preciosos para pensarmos as atuais crises de pensamento, em especial a que emerge no campo de estudos da linguagem e da literatura.